

## 0 Jornalismo Fala a Si Mesmo: padrões discursivos em livros sobre a prática da notícia e da reportagem<sup>1</sup>

Flávia Souza de Siqueira<sup>2</sup>

### Resumo

Este artigo busca apontar alguns padrões discursivos de três livros escritos por jornalistas sobre a prática da notícia e da reportagem (“livros de jornalistas”): *A prática da reportagem* (Ricardo Kotscho), *A arte de fazer um jornal diário* (Ricardo Noblat) e *Repórteres* (organizado por Audálio Dantas). Após a exposição de algumas características recorrentes, faz uma breve comparação das falas desses livros com o discurso engendrado pelo Manual da Redação da Folha de São Paulo. As obras selecionadas podem ser consideradas amostras de um discurso mais amplo e disciplinador, que busca estabelecer os critérios de acesso à profissão.

**Palavras-chave:** *Jornalismo; Disciplina; Identidade; Livros de Jornalistas.*

### 1. Introdução:

As obras que aqui chamamos de “livros de jornalistas” deixam entrever os principais mitos em torno da profissão jornalista – especialmente no que se refere à atividade da reportagem. São livros escritos por profissionais de renome (frequentemente chamados de “mestres” do ofício) e direcionados principalmente a jovens estudantes ou iniciantes da profissão. Essas obras são uma amostra do discurso recorrente e mais estereotipado da profissão e atuam como *reafirmação* e *reforço* desse mesmo discurso.

Para esta análise, foram selecionados três livros de jornalistas: *A prática da reportagem*, de Ricardo Kotscho, *A arte de fazer um jornal diário*, de Ricardo Noblat, e

<sup>1</sup> Pesquisa desenvolvida ao longo do primeiro semestre de 2008 e apresentada em 27/06/2008 como Trabalho de Conclusão do Curso de Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo na Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP), sob orientação da professora Rosana de Lima Soares.

<sup>2</sup> Graduada em Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo pela ECA-USP. Em 2007, concluiu pesquisa de iniciação científica (“Furo jornalístico: o discurso e o circuito da novidade na Folha e no Estado”), realizada com apoio da Fapesp e também sob orientação da professora Rosana de Lima Soares.

*Repórteres*, coletânea de textos organizada por Audálio Dantas. São três dos livros mais conhecidos entre estudantes e profissionais da imprensa.

Como representante de uma outra visão de jornalismo, mais recente e racionalizada – embora ainda influenciada, em alguns aspectos, pela ideologia dos “mestres” –, tomamos também o Manual da Redação da Folha de S. Paulo, com o objetivo de fazer uma breve comparação discursiva.

Enquanto os livros de jornalistas analisados estão mais associados a um ideal romântico da profissão, de responsabilidade social, em que o jornalismo é considerado um “modo de vida”, o Manual da Folha representa a dita “modernização” da imprensa e de seu processo produtivo. A legitimidade dos primeiros está calcada principalmente na credibilidade e no histórico de seus autores, que tendem a defender uma prática jornalística com limites relativamente fluidos (desvinculada da licença acadêmica, da pauta pré-definida, dos protótipos de texto). O Manual se apóia na autoridade de uma conhecida empresa jornalística, que organiza e traça padrões para a apuração, a redação e a publicação de notícias e reportagens. Enquanto os livros de jornalistas aqui analisados pertencem a uma formação ideológica da profissão mais vinculada à idéia de talento e de missão social, proeminente nas décadas de 1960 e 1970, o Manual da Folha está mais ligado ao jornalismo como atividade empresarial, lucrativa e técnica.

Mas essa divisão não é absoluta. Apesar dos distanciamentos, os livros de jornalistas e o Manual se fundamentam em certas ambigüidades que, em certos momentos, atuam como pontos de intersecção entre as obras. A principal dessas ambigüidades é formada pelo par *ética / mercado*.

## 2. Ambigüidades – O duplo discurso da profissão

Fábio Henrique Pereira, no artigo *Da responsabilidade social ao jornalismo de mercado: o jornalismo como profissão* (2004), situa o jornalismo dentro de um “duplo discurso onde se entrecruzam elementos de um discurso humanista e tecnicista”. Para o autor, o “painel identitário” do jornalista “se configura a partir da transição da visão romântica da profissão ao aprofundamento do caráter empresarial da imprensa, expresso na concepção de ‘jornalismo de mercado’” (Pereira, 2004: 3).

Mas apesar da burocratização e da racionalização do processo de produção de notícias e informações, os jornalistas continuam a perceber sua atividade e profissão como

“um serviço público destinado a fins extra-econômicos” (Ortega e Humanes, 2001: 59-60 *apud* Pereira, 2004: 14).

A “identidade” do jornalista é resultado das mudanças históricas e institucionais e é marcada pelo cruzamento entre uma fala humanista e uma fala “tecnológico-metodológica” (Ribeiro, 1994: 195 *apud* Pereira, 2004: 14). A primeira, típica da fase tradicional/ideológica do jornalismo, caracteriza-se pelo discurso *cultural* em torno do produto jornalístico, pelo status *liberal* do jornalista junto à empresa, pela *confiança* nos padrões e pela imagem do jornalista como *herói* e *figura pública*. A segunda, vinculada à “fase moderna” do jornalismo, é marcada pelo discurso *industrial*, pela *disciplina* do jornalista em relação à empresa, pela *competência* profissional e pela percepção do jornalista como *operário* e *anônimo* (Ribeiro, 1994 *apud* Pereira, 2004: 16).

O jornalismo é marcado por conflitos que colocam em lados opostos a *ética* da profissão e seu *modo de funcionamento*, que segue as regras do mercado e, portanto, do consumo.

É possível situar nesses campos opostos (mercado x ética) diversos elementos constitutivos da dinâmica jornalística. Vale ressaltar, contudo, que alguns elementos podem transitar, de acordo com o contexto, entre um pólo e outro. Assim, teríamos do lado do *mercado* elementos como *anúncios publicitários*, *seleção de temas mais “vendáveis” / interesse do público (o leitor enquanto consumidor)*, *pressões exercidas pela cúpula dos veículos no sentido de obter maior audiência, concorrência*. Do lado da *ética* estariam *o leitor, a seleção de temas de importância “social”, o interesse público (o leitor enquanto cidadão)*, *as pressões exercidas por jornalistas admirados em sua conduta ética, a preponderância da noção de relevância sobre a concorrência*.

O mito do furo jornalístico e a exclusividade<sup>3</sup>, por exemplo, estariam, a princípio, no conjunto de elementos vinculados ao *mercado*, em proximidade com a questão da concorrência. Contudo, o discurso de jornalistas sobre o *furo* transita entre a idéia de superar os concorrentes e a noção de relevância. A *novidade* perpassa esses dois pólos. A noção de relevância, por sua vez, costuma estar associada à idéia que se faz sobre o que o *leitor* precisa ou merece – seja enquanto cidadão, seja enquanto consumidor. É nessa passagem pela *relevância* e pela *primazia do leitor* que o furo jornalístico e a exclusividade se inserem no campo da ética.

<sup>3</sup> Conceitos mais aprofundados no trabalho de iniciação científica “Furo jornalístico: o discurso e o circuito da novidade na Folha e no Estado” (2007).

Essa ambigüidade está presente nos livros selecionados para esta análise. Neles, ora se exalta a preponderância do leitor enquanto cidadão, ora se exalta o poder de escolha do leitor enquanto consumidor; ora se valoriza a ética e a missão social do jornalismo, ora se expõe a importância da primeira página (vitrine do jornal) e do furo jornalístico.

A seguir, abordamos alguns dos padrões discursivos identificados nessas obras.

### 3. O jornalismo como missão

O jornalismo aparece nos livros de jornalistas analisados como uma *missão* – palavra que surge explicitamente em vários momentos –, algo para além de uma mera opção profissional. Ricardo Kotscho afirma que o jornalismo é uma “opção de vida”:

Costumo dizer que, mais do que uma opção profissional, ser repórter é uma opção de vida – não dá tempo de fazer mais nada, preocupar-se com outra coisa. Não faz bem para a saúde nem para os cabelos, a família e os amigos reclamam da falta de atenção, tem essas coisas todas, mas ainda não inventaram profissão melhor para quem não se conforma com a realidade em que vive e quer fazer do seu ofício um instrumento de mudança. (Kotscho, *in* Dantas, 2004: 188)

A construção do jornalismo como atividade “especial” passa pela construção do profissionalismo jornalístico com base em certas peculiaridades: vivência da profissão *para além* das horas delimitadas de serviço e da burocracia muitas vezes associada ao mundo do trabalho, noção de responsabilidade social e caracterização do bom profissional marcada não apenas pelo preparo e pela dedicação, mas também por elementos como talento, sorte e o chamado “faro jornalístico”.

Noblat destaca, em seu livro, a importância do “faro”: “(...) há que ter faro para identificar a notícia onde quer que ela esteja. Faro. É o faro que faz a diferença entre um bom repórter e um repórter medíocre (...)” (Noblat, 2006: 44). A noção de “faro” está ligada à idéia de instinto, de naturalização do trabalho jornalístico, e se associa à metáfora da caça, muitas vezes utilizada para descrever a busca pela notícia. A idéia de vocação surge, inclusive, para definir o que é notícia, identificada naturalmente pelos “reais” membros da profissão:

Já respondi mais ou menos assim à pergunta de um jovem estagiário sobre o que é notícia: ‘Quando você estiver diante de uma, saberá’. É isso o que costuma acontecer. Se vocês levam jeito para o ofício, saberão distinguir entre o que é notícia e o que não é. (Noblat, 2006: 41)

Para Ricardo Kotscho, há uma “força” indefinível que leva uma pessoa ao ofício da reportagem. Essa “força” atua como princípio de seleção:

O repórter só deve ser repórter se isso for irreversível, se não houver outro jeito de ganhar a vida, se alguma força maior o empurra para isso. (...)

Que força será essa? Isso é tão difícil de explicar como definir o amor. (Kotscho, 2005: 15)

Na passagem acima, o autor desvincula a profissão de repórter da idéia de escolha profissional. Não se trata de uma escolha, já que é “irreversível” e definido por uma “força maior”. Uma “força” que não pode ser definida, um princípio praticamente mágico, que não pode ser delimitado pela razão.

Outra característica dos livros de jornalistas estudados é a preponderância do individualismo. As histórias contadas e os exemplos e dicas transmitidos nos “livros de jornalistas” colocam em cena sempre a figura do repórter que, praticamente sozinho, cumpre sua missão social. Eventualmente aparecem as figuras de outros jornalistas e fotógrafos, mas a aventura é quase sempre individualizada.

À idéia de talento natural vem juntar-se a idéia de *fardo*. A missão implica, necessariamente, uma dose de sofrimento e abnegação. É a esse fardo que Ricardo Kotscho se refere ao falar da resistência necessária ao repórter que se dedica a uma grande cobertura:

(...) já é bom ir sabendo que numa cobertura dessas não basta ter capacidade profissional e saber escrever. É preciso ter muita resistência física, esquecer a hora de comer e de dormir, encontrar um jeito de vencer o medo, o cansaço e a saudade. O jornal e o leitor não querem nem saber quais são as dificuldades que o repórter está encontrando – querem o fato bem contado. (Kotscho, 2005: 25)

O jornalismo se desenha, aqui, como um mundo cruel e impiedoso, que exige dedicação total do repórter e uma grande tolerância ao que muitos considerariam um sofrimento.

### 3.1. Profissionalismo e dedicação total à profissão

O profissionalismo do jornalista<sup>4</sup> – em particular, do repórter – está associado primordialmente a noções éticas e é permeado por princípios abertos e de difícil definição,

<sup>4</sup> O tema do profissionalismo entre os jornalistas é aprofundado por John Soloski. Segundo o autor, a idéia de profissionalismo está ligada à “aceitação pública do monopólio de uma profissão no mercado” (Soloski, 1999: 94) e se relaciona ao ideal de “serviço para a sociedade” e ao mito da capacidade inata do profissional.

como *faro*, *jeito para o ofício*, *força inexplicável que empurra para a profissão*. Além disso, prega a idéia de dedicação total à profissão.

É recorrente a valorização do jornalista que chega primeiro à redação e sai por último, que espera o jornal ser impresso antes de voltar para casa, que mergulha de cabeça em sua “missão”. O vínculo total à profissão é tomado como marca do bom repórter e faz parte do fardo que ele se vê obrigado a carregar ao exercer a profissão – e, mais do que isso, faz parte de sua identidade.

Isabel Siqueira Travancas aborda, no livro *O mundo dos jornalistas*, a relação peculiar dos jornalistas com o tempo. O próprio produto do jornalismo – a notícia – está estreitamente vinculado ao tempo: uma das características essenciais da notícia é a novidade, e são comuns as referências à pressa em transmiti-la e publicá-la. Escreve, por exemplo, Audálio Dantas: “De volta a Tegucigalpa, já noite, os jornalistas mergulharam em mais uma batalha, numa aflita corrida contra o tempo. (...) uma fila de inquietos repórteres, todos querendo ter a certeza de que suas matérias seriam transmitidas.” (Dantas, 2004: 31)

É comum a idéia de que o jornalista precisa trabalhar “contra o tempo” e, em muitos momentos, isso surge simultaneamente como fardo e prazer da profissão. Ricardo Noblat, por exemplo, afirma que “jornalista gosta de trabalhar contra o relógio” (Noblat, 2006: 30). A imprevisibilidade do trabalho, a idéia de missão social e a pressa supostamente intrínseca à profissão se tornam fatores decisivos na vida do repórter. Seu tempo se torna o tempo de sua missão social – portanto, de sua profissão.

#### 4. Construção por oposições: jornalismo *versus* cientificismo, academia e burocracia

As obras analisadas são também marcadas por um discurso que opõe o jornalismo – em particular, a reportagem – a três elementos: o cientificismo, a burocracia/burocratização e a academia.

No livro de Ricardo Kotscho, dois trechos deixam clara a oposição entre o jornalismo (visto como *arte*) e o cientificismo (tomado como conjunto de regras pré-determinadas):

---

A imagem profissional dos jornalistas comporta uma visão romântica, do “repórter em cruzada” (Soloski, 1999: 91), expressa em narrativas sempre semelhantes - um mito, portanto, em suas múltiplas versões. Atualmente, o profissionalismo surge como “um método eficiente e econômico através do quais organizações jornalísticas controlam o comportamento dos repórteres e editores” (Soloski, 1999: 92).

(...) sua tarefa [do repórter] não se limita a produzir notícias segundo alguma fórmula “científica”, mas é a arte de informar para transformar.

(...)

(...) não existem fórmulas científicas no jornalismo, especialmente na reportagem: cada história é uma história, e merece um tratamento único. (Kotscho, 2005: 8, 14)

A oposição à burocracia ou burocratização tende a aparecer de maneira explícita nas falas dos jornalistas. Kotscho afirma, por exemplo, que o detalhamento prévio das pautas “levou à acomodação do repórter”. O autor, dirigindo-se a um leitor imaginário, escreve: “(...) você é um repórter, e não um mero preenchedor de formulários” (Kotscho, 2005: 12).

Audálio Dantas define os repórteres como “seres que perguntam” e, em seguida, afirma que “é claro que as coisas não terminam por aí. De um bom repórter, desses que vão além das prescrições dos manuais de redação ou das receitas de pauta diária, exige-se muito mais”. Em seguida, escreve que “os jornalistas podem, em algumas funções, ser burocratas. Nunca, porém, quando escolhem o caminho da reportagem” (Dantas, 2004: 11).

A oposição à academia aparece principalmente sob duas formas: a primeira, em relação ao ensino universitário de jornalismo; a segunda, sob a forma de desdém em relação a temáticas e títulos acadêmicos.

No texto introdutório de *Repórteres*, por exemplo, Audálio Dantas afirma que a definição de repórteres como “seres que perguntam” é “quase perfeita” e “não está em nenhum manual de redação, nem em qualquer dessas alentadas teses de doutorado em jornalismo” (Dantas, 2004: 9). No texto de apresentação do repórter José Hamilton Ribeiro, essa oposição surge novamente:

Apesar de merecido, o título de doutor não cai bem em José Hamilton, repórter visceral, sem nenhuma preocupação com enfeites em seu currículo. Há 40 anos ele vive uma paixão desenfreada pela reportagem – uma entrega de corpo e alma da qual extraiu seu notório saber. (Dantas, 2004: 106)

Kotscho afirma que, atualmente, muitos jornalistas “pularam diretamente da academia para cargos de chefia, determinando os rumos do *new journalism* tupiniquim nos anos 80”. Segundo ele, esses jornalistas deixam de conhecer “a realidade em que vive o chamado povo brasileiro. Por isso, tanto idolatram os professores doutores, as teses, as

teorias, até por falta de prática” (Kotscho, 2005: 197). Assim, o autor situa o trabalho acadêmico e o “conhecer a realidade” em campos opostos.

A oposição à academia, à burocracia e ao “cientificismo” parece estar fundada na oposição à delimitação do jornalismo em território de previsibilidade. A burocracia, associada ao ato de preencher um formulário e cumprir uma pauta pré-determinada, é vista como algo que tira do jornalismo os aspectos que o tornam *especial* – as noções de talento e opção de vida, as metáforas da caça e da luta individual – e o equiparam às “meras” profissões com regras, rotina<sup>5</sup> e carga horária definidas.

## 5. Visão nostálgica: jornalismo de hoje *versus* jornalismo do passado

Existe ainda uma quarta oposição, mais ampla: o jornalismo do passado vs o jornalismo do presente, com a preponderância de elementos positivos associados ao primeiro e negativos associados ao segundo.

Nos livros de jornalistas analisados, o passado aparece como a época da grande reportagem, do “humanismo”, dos grandes mestres, da liberdade de ação do jornalista, da profissão como modo e estilo de vida, da combatividade e dos grandes momentos históricos. O presente, em oposição, surge como uma época de técnica e pouca prática, de distanciamento, de formalidades e burocracia – é a época da instituição da pauta, dos manuais de redação e estilo, das faculdades de jornalismo e da primazia do mercado.

Ricardo Noblat, por exemplo, afirma que não há mais espaço, nas redações atuais, para a “grande figura humana” do passado e que hoje “predomina a técnica” (Noblat, 2006: 36).

Um dos momentos em que fica mais explícita a preferência pelo passado aparece no texto “Conversa de dromedário”, de Joel Silveira (in Dantas, 2007: 87-103). Silveira abre seu texto narrando sua ida a uma redação informatizada, a que se segue um enorme estranhamento, em tom nostálgico.

---

<sup>5</sup> Vale ressaltar que essas noções estão, aqui, entrando em uma espécie de *generalização* com o objetivo de tornar a análise mais clara. As noções identificadas como recorrentes, sejam elas alvo de valorização ou de aversão, estão sujeitas a contradições e ambigüidades no interior dos textos estudados. Por exemplo: a idéia de rotina, embora tenda a ser vista como negativa em sua proximidade com a noção de burocracia, aparece em certo momento, no livro de Noblat, como algo inevitável – segundo o autor, “nada mais ilusório” do que o pressuposto de que o jornalismo é uma profissão sem rotina. “Jornalismo, como qualquer outra profissão, tem rotinas. E ai dele se não tivesse. Sem regras, nada funciona. Nem mesmo uma redação.” (Noblat, 2006: 122)

Pus-me a recordar as redações antigas de tanto jornal e tanta revista por onde eu havia passado. E me vieram à lembrança todos os componentes daquele mundo caótico: o teclar incessante e nervoso das máquinas de escrever, a chegada de repórteres suados, as piadas grosseiras, o cafezinho sempre excessivamente açucarado e morno, a intromissão de populares com reclamações e apelos – e lá, entronizado numa espécie de estrado, como um maestro tentando conduzir uma orquestra de malucos em que cada músico tocava seu instrumento na hora que lhe convinha -, o pobre e aflito secretário de redação. Era o caos! Um caos que nada tinha a ver com aquele universo asséptico que eu agora estava visitando em trajes pouco recomendáveis, cheio de cuidado para não esbarrar num daqueles engenhos de sensibilidade à flor da pele (ou das teclas) e com meu gesto desastrado desencadear não sei que irremediável catástrofe gráfica. (Silveira, in Dantas, 2007: 91)

Em seguida, Joel Silveira analisa o que acabara de presenciar e conclui que os recursos atuais facilitam e viabilizam a profissão para *qualquer repórter*:

Somente em casa, depois de repassar tudo o que havia visto, é que pude avaliar a enormidade de recursos de que dispõe hoje um jornalista, mesmo os chamados repórteres ‘de campo’, para desempenhar seu mister. As notícias e imagens jorrando continuamente na redação, o computador decidindo e até mesmo produzindo a diagramação, a ronda diurna dos satélites que tudo vêem e tudo contam – repassei tudo isso e pensei comigo mesmo: ‘Assim, até eu!’

(...)

Veja-se, por exemplo, o caso dos correspondentes de guerra – e em priscas eras fui um deles. Hoje qualquer repórter pode perfeitamente, munido de sua parafernália eletrônica, fazer a cobertura de um conflito qualquer, em qualquer parte do mundo, sem precisar sair do quarto do hotel (quase sempre cinco estrelas) ou sequer interromper o uísque vespertino na mesa do bar. Pois no meu tempo não era assim, não, meus queridos. No meu tempo era uma dureza, repórter trabalhava como um estivador e tudo, até a matéria chegar à redação, praticamente tudo dependia dele. (Silveira, in Dantas, 2007: 91-92)

O autor associa o jornalismo atual à facilidade e ao luxo. Em seguida, situa a si mesmo (“no meu tempo”) em uma época de dificuldades e de peso para o repórter.

Em seu texto na coletânea *Repórteres*, Kotscho mostra em muitos momentos sua preferência pelo passado do jornalismo. Segundo ele, “reportagem, que é bom e diferenciava um do outro, virou raridade” (in Dantas, 2004: 185). O autor também identifica uma suposta diferença no posicionamento dos chefes e no comportamento dos repórteres:

Antigamente, quando você chegava com uma novidade a um diretor de jornal, ele piscava os olhinhos, esfregava as mãos e dizia, entusiasmado: ‘Ótimo, ótimo, vamos publicar já! Ninguém está falando nisso!’. Mas hoje, quando se chega a um diretor de jornal com uma novidade, ele faz um muxoxo de desprezo e diz: ‘Isso não vamos dar. Não interessa. Ninguém está falando nisso.’

Os assuntos, as novidades (...) vinham da rua para a redação. Muitas vezes, entravam a pontapés a bordo de repórteres barulhentos (os atuais chefes poderiam qualificá-los até de grosseiros, malcriados, se ainda existissem). (Kotscho, in Dantas, 2004: 185-186)

Kotscho vê os repórteres atuais como preguiçosos, presos à pauta e às rotinas de apuração. São poucos os que, segundo ele, “se dignam correr o risco de virar o jogo, desafiar a chefia e sugerir uma pauta melhor” (Kotscho, in Dantas, 2004: 186). Segundo o autor, o repórter do passado era muito mais engajado em seu trabalho e dava conta de um maior número de tarefas:

No Estadão dos anos 60, cada repórter, e eram mais de trinta só na reportagem geral, tinha que ter suas fontes, ser seu próprio pauteiro, caçar notícia, como se dizia. Precisava ficar aberto à informação trinta horas por dia, como os bancos eletrônicos, e ajudar na edição e na pauta do dia seguinte. E, depois, muitos ainda esperavam o jornal rodar na oficina para conferir se não havia saído alguma coisa errada. Repórter que era repórter não ia para casa ou para o bar sem levar o jornal ainda quente debaixo do braço. (Kotscho, in Dantas, 2004: 187)

## 6. Leitores e redação como fontes de recompensa e punição

Nos livros analisados, duas instâncias concorrem como fontes de recompensa e punição para o jornalista/repórter: o *público leitor* e a *redação*.

O leitor é apontado como fonte de recompensa, por exemplo, por Carlos Wagner, em seu texto no livro *Repórteres*:

Eu tive a maior recompensa que um repórter pode ter com seu trabalho: um ano e meio depois de publicar a matéria, estava num desses fins de mundo, um povoado no meio do cerrado, numa mesa de um bar à beira da estrada. À minha volta, três colonos falavam de uma reportagem chamada “O Brasil de Bombachas”. (in Dantas, 2004: 64)

Em uma passagem do livro de Noblat, o leitor surge como uma categoria representativa de princípios éticos: “O leitor não quer ler boas histórias. Quer confiar nas histórias que lê.” (Noblat, 2006: 58); “O leitor dá mais importância à informação correta do que ao furo. Por vaidade e ignorância, o jornalista valoriza mais o furo.” (Noblat, 2006: 61). Noblat aconselha que, “entre servir aos leitores ou servir a fontes, não hesitem [em colocar os leitores em primeiro lugar]”.

Ricardo Kotscho situa o leitor como idéia prévia necessária à realização de uma boa reportagem. Segundo ele, a “função primeira” do repórter é “colocar-se no lugar das pessoas que não podem estar lá, e contar o que viu como se estivesse escrevendo uma carta a um amigo” (Kotscho, 2005: 16). Em outro momento, o autor assume a invisibilidade e o pouco conhecimento sobre o leitor: “Cabe ao repórter, também, ser muitas vezes o porta-voz deste ser misterioso e invisível” (Kotscho, 2005: 18).

O leitor é uma espécie de categoria imaginária que os jornalistas utilizam em diversas situações para embasar seu trabalho e defender certos valores. Nesses momentos, estamos diante do leitor como representante do “interesse público” e da cidadania – em contraposição ao leitor-consumidor, associado ao mercado.

Além de uma categoria imaginária, o leitor é uma categoria ambígua. O *leitor-cidadão* costuma aparecer sempre como uma espécie de guardião da ética, no qual o repórter deve pensar sempre ao produzir uma matéria. O *leitor-consumidor* tende a surgir de duas formas: na primeira, ele tem seu valor como agente de escolha e avaliador da qualidade de uma publicação; na segunda, ele é associado ao “interesse do público” (em contraposição ao “interesse público”) e, por isso, é mostrado de maneira negativa.

A redação, com uma presença mais *concreta*, surge como fonte de recompensas na seguinte passagem do livro de Noblat: “Se estiver sempre em contato com a redação, se esta sempre souber como me localizar, serei acionado com regularidade. E terei mais chance de fazer melhores matérias.” (Noblat, 2006: 122)

É a redação – e, mais especificamente, a chefia – que define os trabalhos a serem feitos pelos repórteres. Por isso, Noblat identifica o medo que esses profissionais têm de uma punição: “Os jornalistas temem ser punidos por seus chefes. Os jornais temem perder leitores” (Noblat, 2006: 40).

Nas redações de jornais impressos, a primeira página, como mostra Kotscho, funciona como vitrine das notícias e seus autores. Ter uma matéria na primeira página é considerado um prêmio pelo esforço do profissional. Kotscho também expõe o valor da chefia: “Ser convocado pela chefia para cobrir um grande acontecimento pode significar a consagração ou o fracasso para qualquer repórter que estiver começando. Nestas horas, é tudo ou nada.” (Kotscho, 2005: 25)

Os chefes exercem um duplo-papel no discurso presente nos livros de jornalistas. Aparecem, em alguns momentos, como *mestres*, sábios, como aqueles que acolhem o jovem repórter, dão dicas e avaliam seu trabalho. Em outros momentos, contudo, aparecem como um dos oponentes do repórter em sua luta, como aquele a quem se deve convencer – e, se necessário, desafiar – para que uma “boa história” seja publicada.

Portanto, assim como o leitor, a chefia aparece como uma categoria marcada pela ambigüidade. Entretanto, tem uma presença mais *concreta* do que o leitor, o que nos leva a

concluir que é principalmente a redação que exerce o papel de fonte de recompensas para o jornalista<sup>6</sup>.

## 7.0 Manual da Redação da Folha de S. Paulo uma breve comparação

Assim como os livros de jornalistas, o Manual da Folha pode ser considerado um mecanismo disciplinar, principalmente no interior das redações em que é adotado. Diferencia-se, contudo, por ser um mecanismo disciplinar muito mais “sofisticado”. Enquanto os primeiros são marcados por uma fluidez tanto em sua forma discursiva quanto na ideologia de jornalismo que defendem, o Manual é muito mais organizado e sistematizado, estruturado em verbetes e regras de procedimento que buscam dar conta de todas as etapas da produção jornalística.

É curioso notar que, ao mesmo tempo em que é percebido como burocrático (como mostram os livros de jornalistas), o Manual se opõe à idéia de *burocratização*. Afirma, por exemplo, que o editor “precisa saber *desburocratizar*, distribuir e descentralizar as funções de trabalho” [grifo nosso] (Manual..., 2001: 20). Sobre o uso de textos de apoio, traz que “a utilização *burocrática* e sem criatividade desses elementos nada acrescentará. Antes de planejá-los, portanto, a própria pauta deve perguntar-se a respeito de que aspectos realmente é preciso estabelecer ligações” [grifo nosso] (Manual..., 2001: 24).

O Manual elege o *trabalho em equipe* como centro da produção jornalística – ao contrário dos livros de jornalistas, que enfocam a atuação do repórter como herói solitário.

Enquanto os conselhos dados pelos autores dos textos de livros de jornalistas se inserem em uma perspectiva menos delimitada (embora também disciplinadora), o Manual da Redação da Folha busca dar conta de todos os processos, momentos e situações com as quais se depara um jornalista em seu trabalho. Busca, com isso, tapar todas as brechas que possam aparecer nesse caminho e reduzir ao máximo a imprevisibilidade e a dúvida.

Essa pretensão à “totalidade” aparece não somente na categorização minuciosa dos momentos do processo produtivo em verbetes e regras, mas na qualificação do trabalho jornalístico como candidato possível à perfeição a todo momento, independentemente da precariedade da situação de trabalho ou dos obstáculos que surjam no caminho da equipe profissional.

---

<sup>6</sup> A tese de que a fonte de recompensa dos jornalistas não está nos leitores, mas no interior da própria redação e de seu grupo de referência, é aprofundada por Warren Breed.

É essa ideologia do *sempre possível* que aparece, por exemplo, quando o Manual aborda o “regime de prensa” da produção jornalística – aliás, considerada “parte de sua utilidade pública”:

Entre os acontecimentos concretos e a sua exposição diária nas páginas do jornal há um longo caminho. Embora ele seja percorrido velozmente, o trabalho do jornalista deve ser metuculoso e refletido, a fim de oferecer ao leitor a mais correta expressão dos fatos. (Manual..., 2001: 19)

### 7.1. Dicotomia presente *vs* passado

Diferentemente do que ocorre nos “livros de jornalistas” estudados, a dicotomia presente *vs* passado não surge, no Manual, como uma dicotomia “tempos de burocratização” *vs* “tempos do bom jornalismo”. Nele, ela aparece como um *desafio* aos novos jornalistas, como uma mudança que exigirá cada vez mais dedicação ao ofício – como atividade organizada e regulada.

A pauta, tão criticada nos livros de jornalistas analisados, aparece como elemento valorizado, definida como uma “seleção refletida dos fatos que serão investigados pelos jornalistas, efetivamente publicados como notícia no jornal e transmitidos organizadamente ao leitor”. Deve ser precedida pelo “planejamento do trabalho jornalístico” e pela “discussão em equipe dos acontecimentos” (Manual..., 2001: 19). Segundo o Manual, “a pauta não surge apenas de uma iniciativa técnica nem é unilateral” (Manual..., 2001: 21). Ao contrário do que Ricardo Kotscho afirma detectar na prática, o jornalista ideal descrito pelo Manual da Folha participa da elaboração da pauta: “Compete a cada jornalista buscar e investigar os fatos para oferecer à sua editoria sugestões de reportagens e novos e melhores ângulos para uma notícia”.

Assim, ao menos no nível discursivo do Manual, não é possível detectar o repórter preguiçoso, preso à instituição da pauta e às instruções que vêm de uma instância superior. O jornalista valorizado no discurso do Manual é muito mais parecido ao que é valorizado por Kotscho e pelos demais autores: multifacetado, dedicado a várias tarefas, dando conta de um número cada vez maior de exigências e qualificações.

Mas enquanto os livros de jornalistas trazem como personagem principal e valorizado o repórter com espírito de herói, geralmente um tanto desorganizado e grosseiro, mas que sempre acaba produzindo uma matéria que cumpre sua missão social, o profissional ideal no âmbito do Manual da Folha é, antes de tudo, organizado. Entre os

elementos considerados negativos, estão, por exemplo, as “anotações feitas em pedaços de papel que poderão se perder” e as “mesas desarranjadas”.

## 8. Considerações finais

O jornalismo como ferramenta disciplinar funciona como tal por servir-se também de uma disciplina interna, marcada por valores e regras que visam à reprodução da atividade jornalística e de seu lugar social, seja reforçando certas crenças e práticas, seja alterando-as para a adaptação da atividade a um novo contexto. Pode-se dizer que existe um *discurso comunitário*, que serve para marcar a posição do jornalismo na sociedade (definições de jornalismo, notícia, relevância) e para separar os jornalistas dos não-jornalistas (ou os repórteres dos não-repórteres ou burocratas).

Os livros de jornalistas, assim como os manuais de redação e estilo, são ferramentas disciplinadoras no interior da profissão. Até certo ponto, representam instâncias concorrentes no processo de legitimação de um indivíduo para exercer a profissão de jornalista: de um lado, a fala nostálgica e romântica dos “mestres” da profissão; de outro, as próprias organizações jornalísticas, com seus programas de treinamento e regras. Uma provável terceira instância, pouco abordada neste artigo e na pesquisa que lhe deu origem, é o ensino acadêmico/universitário.

Essas instâncias produzem e reproduzem discursos que buscam definir tanto o lugar do jornalismo na sociedade quanto as condições para uma pessoa ocupar um lugar dentro dessa instituição.

A profissão jornalista, assim como todas as outras, não se caracteriza apenas pelo seu produto (a notícia, a reportagem, a fotografia, a informação), mas exerce um papel mais amplo no “teatro social” e no conjunto de tipos sociais, com seu jogo de significados e imagens – imagens míticas como a do repórter como herói solitário, a da reportagem como aventura e a da instituição jornalística como centro de vigilância e conhecimento.

## Referências Bibliográficas

### *Textos analisados:*

DANTAS, Audálio (org.). *Repórteres*. São Paulo: Editora Senac, 2004.

KOTSCHO, Ricardo. *A prática da reportagem*. São Paulo: Editora Ática, 2005.

NOBLAT, Ricardo. *A arte de fazer um jornal diário*. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

MANUAL DA REDAÇÃO: FOLHA DE S. PAULO. São Paulo: Publifolha, 2001.

### *Textos de apoio:*

BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

\_\_\_\_\_. *Mitologias*. São Paulo: Difel, 1985.

BREED, Warren. “Controle social na redação: uma análise funcional”, in *Jornalismo: Questões, Teorias e “Estórias”*. Nelson Traquina (org.). Lisboa: Vega, 1999.

BUCCI, Eugenio. *Sobre ética e imprensa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CHARAUDEAU, Patrick & MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2006.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2002.

GOMES, Mayra R. *Jornalismo e ciências da linguagem*. São Paulo: Edusp e Hacker Editores, 2000.

\_\_\_\_\_. *O poder no jornalismo*. São Paulo: Hacker Editores. Edusp, 2003.

\_\_\_\_\_. *Ética e jornalismo*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

\_\_\_\_\_. *Jornalismo e Filosofia da Comunicação*. São Paulo: Escrituras Editora, 2004.

PEREIRA, Fábio H. “Da responsabilidade social ao jornalismo de mercado: o jornalismo como profissão”. Brasília, 2004. On-line. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/pereira-fabio-responsabilidade-jornalista.html>>. Acessado em 15 de maio de 2008.